

O lugar da pluralidade de deuses em oposição ao monoteísmo a partir de Nietzsche

MSc. Martha Solange Perrusi¹

Resumo

Esta comunicação pretende mostrar, a partir de Nietzsche, que tanto o ateísmo, pura e simplesmente, como o monoteísmo seriam fases do niilismo, e que a invenção dos múltiplos deuses pode trazer em si a afirmação da vida, como o foi entre os gregos.

Abstract

This paper intends to demonstrate, through Nietzsche, that both atheism and monotheism are part of nihilism, and that the creation of multiple gods could bring the affirmation of life, as it was among the Greek.

De fato, nós filósofos e ‘espíritos livres’, ante a notícia de que o ‘velho Deus morreu’ nos sentimos iluminados por uma nova aurora... (NIETZSCHE, A Gaia Ciência, §343)

Nietzsche é ao mesmo tempo um pensador atual e extemporâneo. Se, por um lado, muitas das coisas que ele pensou estão ainda à margem da discussão, tendo muito ainda a ser pensado; por outro lado, mais recentemente, no ano de centenário de sua morte (2000), acompanhamos um crescimento nas investigações sobre o filósofo. Além de serem pesquisas recentes e de bom nível, temos de reconhecer a tempestividade de seus objetos. Nietzsche continua sendo um intérprete imprescindível para compreensão da contemporaneidade.

A antiguidade em Nietzsche tem sido explorada sobretudo pelo viés do trágico. É, de fato, uma perspectiva extremamente relevante, tanto que os textos sobre essa questão são abundantes. Esta pesquisa, entretanto, pretende aproximar-se da apropriação da cultura antiga por Nietzsche, não privilegiando o trágico, mas sim o aspecto politeísta. Por certo, volta e meia precisaremos nos ocupar do trágico, mas sem tê-lo como norte da pesquisa.

Segundo Herbert Frey², apesar da presença massiva da cultura antiga na obra de Nietzsche, tal tema foi, de certo modo, negligenciado pelos comentadores, excetuando o trágico. Este trabalho procurará mostrar o papel da antiguidade que, de certo modo, preceda a análise do trágico, isto é, ao se dedicar ao aspecto politeísta da cultura grega, vislumbramos o perspectivismo e sua bagagem para a análise da modernidade. Nietzsche chamou o monoteísmo vigente de “monotonoteísmo”, a partir de seu conseqüente rebaixamento da vida, por isso o cristianismo – exemplo mor do monotonoteísmo – será analisado como *modus operandi* da modernidade. Nossa pesquisa visa, portanto, a uma interpretação da cultura moderna, pois, nas palavras de Pinkler, “a alta valoração do paganismo na obra de Nietzsche não responde a uma idealização do passado, mas a uma crítica ativa da cultura que hoje precisa ser atualizada e reformulada”³.

O Nascimento da Tragédia foi o livro que Nietzsche dedicou mais longamente à questão da antiguidade. Apesar de Nietzsche não se referir ao cristianismo em seu livro de juventude, na sua “Tentativa de Autocrítica” ele afirma **O Nascimento da Tragédia** como libelo contra o cristianismo e toda moral cristã, que o filósofo considera nociva à vida. Nietzsche afirma que o livro em questão voltou-se contra a moral, em prol da vida através da arte:

Talvez onde se possa medir melhor a profundidade desse pendor *antimoral* seja no precavido e hostil silêncio com que no livro inteiro se trata o cristianismo – o cristianismo como a mais extravagante figuração do tema moral que a humanidade chegou até agora a escutar. [...] Por trás de semelhante modo de pensar e valorar [padrões absolutos, verdade única...], o qual tem de ser adverso à arte, enquanto ela for de alguma maneira autêntica, sentia eu também desde sempre *hostilidade à vida*, a rancorosa, vingativa aversão contra a própria vida: pois toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro⁴.

Enquanto, para Nietzsche, a verdade é uma mentira que não se admite como mentira, ela nega o que a vida tem de mais rico: a multiplicidade. Desse modo, a verdade científica, filosófica ou religiosa tende a aniquilar a vida, por engessá-la em uma forma única. A arte, ao contrário, não se pretende verdadeira – ou antes, sabe-se ilusória – e, por isso, afirmaria a vida em sua multiplicidade.

Segundo o filósofo, os gregos viam o mundo como terrível, horrível e por isso criaram a beleza. A beleza é representada pela “resplendente criação onírica dos olímpicos”. Os deuses teriam sua raiz na tentativa grega de “suportar” o horror da existência: “De que outra maneira poderia aquele povo tão suscetível ao sensitivo, tão impetuoso no desejo, tão singularmente apto ao *sufrimento*, suportar a existência, se esta, banhada em uma glória mais alta, não lhe fosse mostrada em suas divindades?”⁵

É consonante entre os autores que tratam do “paganismo” na obra de Nietzsche, que tal tema não é meramente ilustrativo, mas central para compreensão de toda sua obra como que gerando seus conceitos fundamentais. Para Frey, a antiguidade grega aparece como contramito da modernidade e da tradição judaico-cristã. Para ele, Nietzsche chega a sutilmente sugerir uma recuperação da cosmovisão grega: “a religião, a sociedade e a polis grega do período pré-socrático constituíram um ideal de existência social, de relação sensual e erótica com o mundo, que as religiões monoteístas destruíram ao privar o cosmos de seu caráter divino e desvalorizar ao mesmo tempo a sensualidade e a corporeidade do homem.”⁶ Ainda, para Frey, muitas das reflexões de Nietzsche girariam em torno de como aproveitar no presente o que os antigos gregos ensinaram.

Em **Crepúsculo dos Ídolos**, na seção “O que devo aos antigos”, Nietzsche se mostra ciente do modo como os filólogos pensavam os gregos, mas diz como e porquê sua visão sobre os gregos foi diferente. Os filólogos de sua época viam os gregos superficialmente, como “belas almas”, “medianias áureas”, “calma na grandeza”, “elevada simplicidade”. Mas Nietzsche viu mais do que a superficialidade e a serenojovialidade grega, posto que não haveria uma superfície verdadeiramente bela que não fosse máscara de uma terrível profundidade. Nietzsche viu, nos gregos antigos, a vontade de poder, o perigo, o

imoralismo, mas como necessidade, isto é, diante do terrível, *precisou-se* superar o horror da existência. Aí sim, pode-se ver a criação da beleza figurada primeiramente nos deuses olímpicos e em seguida na arte trágica. Se Nietzsche diz que foi o primeiro a ver o fenômeno do dionisíaco entre os gregos, isso é verdadeiro no que se refere à filologia clássica sua contemporânea, cuja ênfase era dada à medida apolínea grega. Por conta dessa “recuperação” às avessas do instinto grego, seu trabalho foi alvo de controvérsias no meio da filologia.

A “vontade helênica” após uma espécie de espelho ao criar o mundo olímpico. Os deuses são como reflexos, como espelhos do homem grego. Como mundo da beleza e da grandeza, justificam a vida humana, somente pelo fato de que também eles vivem, posto que eles co-existem e estão sujeitos, tanto quanto os seres humanos aos riscos e destinos da vida em si. O homem grego via nos seus deuses suas imagens idealizadas. A imortalidade divina era desejada pelos seres humanos, acometidos pela *hybris*.⁷ Ultrapassagem de qualquer medida que limitasse os seres humanos, a *hybris* pode ser traduzida também como “querer ser como os deuses”.

Perante a sabedoria do Sileno, narrada por Nietzsche em **O Nascimento da Tragédia**, para quem o grande segredo da vida dos seres humanos seria antes não ter nascido e, já que se nasceu, o melhor seria morrer logo; os seres humanos precisaram re-significar a vida que se lhes apresentava terrível. Aspiravam a ser como os deuses, com vidas grandiosas, o que significaria uma vida eterna após a morte (imortalidade cantada nos versos de Homero, por exemplo, em que os feitos de Aquiles e de Ajax se equiparam ao dos olímpicos). Ao mesmo tempo deixar a vida tinha também um significado terrível e é por isso que a sabedoria do Sileno pôde ser invertida pelo homem homérico: a pior coisa seria morrer logo e, a segunda pior, seria ter de morrer um dia. Isso pode ser visto em Aquiles, que, ao ser encontrado após a morte por Ulisses, diz que preferiria trabalhar como servo de um camponês a ter deixado a vida tão precocemente. A vida estava legitimada pelo simples fato de que os olímpicos a viviam, assim também a desejavam os homens gregos.

Nietzsche disse que “tudo o que tem *potência* no homem eles [os gregos] denominavam divino, e o inscreviam nas paredes de

seu céu.”⁸ Isso é muito significativo porque transfigura a afirmação da vida sob a forma de arte, ou seja na ilusão. Havia, portanto, entre os gregos, o direito adquirido de mentir, de mentir esteticamente. Na interpretação nietzschiana, não se podia chegar a um conhecimento “verdadeiro”, o horror, o caos, o terrível, sem correr o risco de perecer; então criou-se o mundo dos deuses olímpicos a fim de encobrir o caos da existência. Para Frey, “Nietzsche reconheceu (...) o nexo entre mito e politeísmo: porque onde há uma multidão de deuses há igualmente uma infinidade de histórias que se pode contar sobre eles, e uma sociedade que reconhece uma infinidade de histórias, reconhece de igual modo diversas formas de comportamento.”⁹

Para compreender a interpretação de Nietzsche que liga o politeísmo ao perspectivismo, lemos o aforismo 143 de **A Gaia Ciência**, “Grande Vantagem do Politeísmo”: “No politeísmo estava prefigurada a humana liberdade e variedade de pensamento: a força de criar para si *olhos novos e seus*, sempre novos e cada vez mais seus; de modo que somente para o homem, entre todos os animais, não existem horizontes e perspectivas eternas (destaque nosso)”.¹⁰

A nosso ver, Nietzsche aventa a possibilidade de um mundo politeísta na modernidade. Nem monoteísta nem propriamente ateu, mas politeísta. A invenção – plural – de deuses, semideuses, heróis, super-homens, quase homens, fadas, anões, sátiros, duendes, ninfas... acabou sendo, segundo Nietzsche, um exercício de liberdade. Cada deus relativamente aos outros (um deus não era a negação do outro, eles co-existiam) tinha o que se poderia chamar de liberdade, para existir, e que, aos poucos, terminou sendo ampliada para o meio social grego nas leis e nas normas.

Nietzsche colocava os deuses olímpicos como afirmação ilusória da vida. De todos os deuses, entretanto, reteremos o mais tardio, Dioniso, que, segundo Nietzsche, englobaria em si as características de multiplicidade na unidade. O perspectivismo nietzschiano aparece, portanto, inclusive através da multiplicidade na unidade retratada pelo deus Dioniso. Como disse Pinkler, “todas as qualidades do mundo pagão estão condensadas no símbolo do deus Dionísio.”¹¹ Dioniso é o deus da embriaguez, da unidade originária, das forças da natureza, da música. Dioniso Zagreu é despedaçado e, do seu coração, renasce,

por isso ele será cultuado nos períodos de plantio, mas sobretudo daí pode-se ver seu movimento de destruição e criação contínuos, um dos aspectos presentes no eterno retorno. O dionisíaco aparece na Hélade como *hybris*, o homem se sente no entusiasmo – a partir do culto – parte do cosmo como um deus, atingindo a imortalidade pela via da unidade originária. A pluralidade dionisíaca propriamente está nas máscaras que ele precisa para se apresentar. O dionisíaco bruto levaria ao aniquilamento da vida, daí a relevância para afirmação da vida através do dionisíaco trágico. O trágico visto como manifestação artística – portanto plural – do princípio divino, pluralidade essa presente nas máscaras do ator na tragédia, isto é, todos os personagens são também Dioniso.

Simultaneamente à detecção do privilégio do politeísmo e do paganismo na filosofia de Nietzsche, o monoteísmo aparece no mundo moderno como modo de vida dominante, sem criatividade, modelador de uma verdade única. Nas palavras de Nietzsche, trata-se do cristianismo que aparece como ponto de divergência e oposição com a cultura grega antiga: de um lado tem-se a moralização da vida com castigos e recompensas, do outro a estética da existência; de um lado Deus é transcendente e distante, do outro, os deuses são a própria natureza; de um lado, a castidade, o pecado, o desprezo pela sexualidade, do outro o erotismo, o cultivo do corpo.

Essa crítica ao cristianismo é feita pelo próprio Nietzsche em vários aforismos e extensamente na **Genealogia da Moral**. Contudo, o propósito deste trabalho é apenas contrapor o monoteísmo, em particular o cristianismo, ao politeísmo nietzschiano, em que pese os valores do niilismo, da negação da vida e da necessidade de uma verdade única.

Há uma série de passagens que Nietzsche se diz ateu¹², mas há uma série de outras em que ele privilegia a pluralidade dos deuses.¹³ Já em **Genealogia da Moral**, Nietzsche diz que “existem maneiras mais nobres de se utilizar a invenção de deuses, que não seja para essa violação e autocrucifixão do homem”.¹⁴ Parece-nos que tanto o ateísmo, pura e simplesmente, como o monoteísmo seriam fases do niilismo¹⁵, e que a invenção dos múltiplos deuses poderia, segundo o filósofo, trazer em si afirmação da vida, como o foi entre os gregos.

O que pretende Nietzsche, quando critica o monoteísmo? A pergunta não se resolve apenas com a resposta da afirmação da vida; em seu bojo está a pergunta sobre o que significa a transvaloração de todos os valores. Se é verdadeiro que os gregos antigos afirmam a vida com seus deuses, e os cristãos a negam com seu único deus; trataria Nietzsche os gregos antigos como um “modelo”? A nosso ver a resposta seria negativa, antes ele procuraria ver na antiguidade um “gérmen”, tal como Dioniso significou fertilidade para os ritos agrícolas dedicados a ele.

A pergunta remanescente, portanto, seria: que outras alternativas de divino pode-se ver em Nietzsche? Coloquemos mais lenha nessa fogueira com o seguinte dizer de Nietzsche: “não pode haver nada mais inegável, o poeta só é poeta porque se vê cercado de figuras que vivem e atuam diante dele e em cujo ser mais íntimo seu olhar penetra”.¹⁶ Tomemos o poeta como artista da existência, “quem são essas figuras que vivem e atuam diante dele”? Não seriam os novos deuses, tais como os deuses antigos, reflexos especulares afirmativos dos seres humanos?

O problema está colocado: há outras formas de pensar o divino em Nietzsche? Que alternativas surgem para “quase dois milênios decorridos e nem um único deus novo”¹⁷?

Notas

¹ Professora do Curso de Filosofia da UNICAP, Mestre em Filosofia pela UFPE.

² Conf. FREY, Herbert. **Nietzsche, eros y occidente: la crítica nietzscheana a la tradición occidental**. Instituto de Investigaciones Sociales. México: Universidad Autónoma de México, 2001. Banco de Datos de **Nietzsche em castellano**. Disponível na internet. <http://www.nietzscheana.com.ar/comentarios.htm>. Acesso em 30 de junho de 2003.

³ PINKLER, Leandro. Aspectos do paganismo no pensamento de Nietzsche. Trad. de Fernando de Moraes Barros. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial, n.11, 2001, p.135-142, p.141.

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. de J.Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, “Tentativa de Autocrítica”, §5, p.19.

⁵ *Ibid.*, §3, p.37.

⁶ FREY, 2001.

- ⁷ *Hybris* pode ser entendida como desmesura, descomedimento, excesso, ultrapassamento da medida.
- ⁸ NIETZSCHE, F. Miscelânea de opiniões e sentenças, §220. In: **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção Os Pensadores, p. 144).
- ⁹ FREY, Herbert. Op.cit.
- ¹⁰ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, §143, p.157.
- ¹¹ PINKLER, 2001, p.140.
- ¹² “Quem somos nós, afinal? Quiséssemos simplesmente nos designar com uma expressão mais velha, por ateu ou ímpio, ou ainda, imoralista, não acreditaríamos nem de longe estar caracterizados com isso: somos as três coisas num estágio muito mais adiantado.” (NIETZSCHE, 2001, p.238-39)
- ¹³ “É supondo que também os deuses filosofem, como algumas deduções já me fizeram crer, não duvido que eles também saibam rir de maneira nova e sobre-humana – e à custa de todas as coisas sérias! Os deuses gostam de gracejos: parece que mesmo em cerimônias religiosas não deixam de rir”(NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a, §294, p.195) ou “há bons motivos para supor que algumas coisas os deuses poderiam aprender conosco. Nós homens, somos – mais humanos...” (*Ibid.*, §295, p.197)
- ¹⁴ NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**: uma polêmica. Trad.de Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b, II, §23, p.82.
- ¹⁵ Cf. *Idem*, 2001, §346, p.238.
- ¹⁶ *Idem*, 1996, §8, p.59.
- ¹⁷ *Idem*, **O Anticristo**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1997, §19, p.32.

Referências

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a.

_____. **O anticristo**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1997, §19, p.32.

_____. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, Coleção Os Pensadores.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad. de Mario da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

_____. **A gaia ciência.** Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Genealogia da moral:** uma polêmica. Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b.

_____. **O nascimento da tragédia** ou helenismo e pessimismo. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COLLI, G. **O nascimento da filosofia.** Trad. de Federico Carotti. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

FREY, Herbert. **Nietzsche, eros y occidente:** La crítica nietzscheana a la tradición occidental. Instituto de Investigaciones Sociales. México: Universidad Autónoma de México, 2001. Banco de Dados de **Nietzsche em castellano.** Disponível na internet. <http://www.nietzscheana.com.ar/comentarios.htm> . Acesso em 30 de junho de 2003.

HOPENHAYN, Martin. **Después del nihilismo:** de Nietzsche a Foucault. Barcelona/Santiago: Editorial Andres Bello, 1997.

PERRUSI, M. Ilusões da bela aparência diante do horror da existência. In: FEITOSA, C.; CASANOVA, M.A.; BARRENECHEA, M.; DIAS, R. (org). **Assim falou Nietzsche III:** para uma filosofia do futuro. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2001, p.304-309.

PINKLER, Leandro. Aspectos do paganismo no pensamento de Nietzsche. Trad. de Fernando de Moraes Barros. **Cadernos Nietzsche.** São Paulo: Discurso Editorial, n.11, 2001, p.135-142.

Endereço para contato:

e-mail: marthaperrusi@yahoo.com.br